

A MANIPULAÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO FRANCÊS (1970-2011)

Entre tradição nacional e inovação pela tradução

MANIPULATION OF THE FRENCH LITERARY CANON (1970-2011): BETWEEN NATIONAL TRADITION AND INNOVATION BY TRANSLATION

Marie-Hélène Catherine Torres*
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

Discuto neste artigo a formação do cânone em geral e, principalmente, o da literatura francesa. Tento também explicitar como se constrói/se fabrica um cânone literário em detrimento de um cânone às margens. Finalmente, mostro que o cânone de uma literatura traduzida – a literatura francesa – dentro de outro sistema literário – não corresponde, *a priori*, nem ao cânone tradicional/oficial da cultura de origem nem ao cânone invisibilizado pela história literária de origem, mas que existiu, no entanto, num tempo e espaço determinado.

PALAVRAS-CHAVE

Tradução literária, Literatura francesa no Brasil,
cânone e tradução

O cânone ocidental concerne não somente, num sentido mais amplo, à música e arte clássicas europeias, mas também à literatura ocidental, influenciado e moldando a arte da cultura ocidental.¹ Consiste num compêndio das obras que são consideradas as maiores obras de mérito artístico. Esse cânone de literatura clássica é fundamental para a construção de uma literatura nacional e de uma cultura.

O termo deriva da palavra grega *kanon*, que designa uma vara utilizada como instrumento de medida. O termo “cânone literário” refere-se, portanto, a uma taxonomia da literatura. É um conceito amplamente utilizado para se referir a um grupo de obras literárias que são consideradas as mais importantes dentro de um tempo e espaço determinados. Um cânone literário pode ser, por exemplo, composto de obras de um

* marie.helene.torres@gmail.com

¹ Fala-se também de um “Cânone literário do Ocidente” (Harold Bloom), ou seja, uma lista de clássicos da literatura ocidental.

determinado país ou de obras escritas dentro de um período diacrônico ou sincrônico específico. Dessa forma, um cânone literário estabelece uma relação de diferenças e semelhanças entre as obras literárias de um mesmo sistema literário e de vários sistemas literários. No fundo, ele representa, na maioria das vezes, o conjunto das obras que qualquer pessoa deveria ler ou conhecer pelo menos.

A CONSTRUÇÃO DE UM CÂNONE LITERÁRIO

Podem-se classificar as obras literárias de várias maneiras, com critérios em comum. Mas o cânone literário parece possibilitar certa validade ou autoridade para a existência e sobrevivência de uma obra literária. Quando uma obra está inserida no cânone de determinado sistema literário, ela ganha o estatuto de inclusão oficial num grupo de obras literárias que são amplamente lidas, estudadas e adquiridas. E aqueles que decidem se uma obra será canonizada ou não são influentes críticos literários, jornalistas especializados, estudiosos, professores, editores, tradutores e quaisquer pessoas cujas opiniões e julgamentos a respeito de uma obra literária também são amplamente respeitados por uma cultura determinada. A canonização de uma obra é, portanto, bastante subjetiva, pois depende da opinião de alguns especialistas que detêm a confiança do público e de um tempo e espaço determinado, podendo evoluir nesses ou noutros tempo e espaço. A pesquisadora francesa Pascale Casanova fala até da possibilidade de mudar o ponto de vista sobre uma obra, o que supõe, segundo ela, a modificação do ponto a partir do qual se observa.² A autora repensa, de fato, o conceito de cânone literário inserindo novos elementos como o *centro* e a *margem*. Os sistemas literário-culturais que não seguem as regras (normas) impostas pelo centro – basicamente Estados Unidos, França e Inglaterra – continuam ex-centrados, fora do centro. Mesmo existindo uma flutuação de aproximação do centro, aqueles que criam as regras não permitem aos periféricos participar da fábrica do universal.

Os cânones literários, bem como as obras que os compõem e os julgamentos daqueles que os criam, estão em constante evolução. A literatura é sempre afetada, seja positiva ou negativamente, pelas experiências e pensamentos críticos dos escritores e leitores. A popularidade de uma obra literária se fundamenta na sua qualidade e na pertinência do assunto no contexto histórico, social ou artístico que a acolhe. Segundo Annie Rioux e Simon Brousseau,³ o interesse para uma obra literária pode, no entanto, mudar, assim como muda o pensamento ou a mentalidade das pessoas. Isso significa que uma obra literária pode se locomover e se deslocar dentro e fora do contexto canônico no qual foi colocada. Séculos após séculos, anos após anos, os cânones literários absorvem essas mudanças e algumas obras literárias podem ser e são acrescentadas ou eliminadas dos cânones nos quais se inseriam.

² CASANOVA. *A república mundial das letras*, p. 17.

³ RIOUX; BROUSSEAU. Quand la littérature se souvient d'elle-même. Les masques d'une mémoire française dans *Paris ne finit jamais* d'Enrique Vila-Matas.

O cânone é uma tradição que carrega o peso dos séculos. Ele está na nossa memória, nas memórias coletivas. Não foi uma escolha do leitor passado ou contemporâneo. Ele se impõe ao leitor sob a forma de uma herança literária. A problemática aqui consistiria em saber quais elementos contribuem à canonização, à descanonização ou à recontextualização das obras. Trata-se, portanto, de interrogar-se sobre os mecanismos do funcionamento do cânone literário.

Ao se questionar a legitimidade do cânone estético, provoca-se a emergência de um conceito inovador sobre a história literária que fugiria da rigidez do cânone literário tradicional em busca de autonomia intelectual, liberdade de escolha, leitura e pensamento críticos.

CÂNONE DA LITERATURA TRADUZIDA NO BRASIL: O RECUO DA TRADUÇÃO LITERÁRIA

Qual o cânone da literatura traduzida no Brasil? Uma das fontes mais confiáveis é a bibliografia mundial das traduções, o *Index Translationum*.⁴ O *Index* não fornece dados prontos, principalmente no que concerne ao Brasil. O pesquisador deverá, necessariamente, calcular suas próprias estatísticas a partir dos dados gerais do *Index*. Claro que ele é incompleto, pois depende da alimentação em banco de dados das bibliotecas nacionais mundiais que, por sua vez, dependem do registro dos livros por parte das editoras nacionais. Mesmo assim, os dados da bibliografia mundial de traduções mostram as tendências em matéria de tradução.

Em pesquisas anteriores, mostro que a literatura traduzida no Brasil, sem discriminação de línguas-culturas, representava 40% do total traduzido no período de 1970 a 2003.⁵ De 1970 a 2011, a literatura traduzida no Brasil só representa 35% do total traduzido, perdendo 5% das traduções, principalmente em detrimento às traduções de religião-teologia, que cresceram de 24%, passando de 12% a 38% do total traduzido.⁶ Por isso, é sempre importante partir de uma data precisa e explícita, pois os dados vão mudando com o passar do tempo.⁷

A tendência mundial que se percebeu de 1970 a 2003 era de que a literatura figurava como o gênero mais traduzido, com 49% das traduções. De 1970 a 2011, traduziram-se 2.117.361 títulos no mundo. A literatura aparece com 1.021.573 títulos traduzidos, ou seja, continua com 49% do total no período. Esses dados significam que se traduz menos literatura no Brasil nos últimos 10 anos e mostram que estão 14% abaixo da tendência mundial.

Em artigo publicado na revista *Meta*, faço um estudo das traduções de literatura traduzida no Brasil por décadas e por língua-cultura.⁸ Vou retomar aqui os dados pesquisados na época acrescidos da última década 2000-2010 para confrontar os dados.

⁴ Disponível em: <http://www.unesco.org/xtrans/>>. Acesso em: 1 set. 2011.

⁵ TORRES. Traduction de la littérature française au Brésil: état de la question.

⁶ De 1970 a 2011, foram traduzidos no Brasil 51.131 títulos: 17.866 em literatura, 6.481 em religião-teologia.

⁷ Meus dados são de 15 de setembro de 2011.

⁸ TORRES. Traduction de la littérature française au Brésil: état de la question.

Literatura traduzida no Brasil:

- 1970-1979 (758 títulos traduzidos): inglês = 494, alemão = 118, francês = 94, espanhol = 27, italiano = 12, outras línguas = 13).
- 1980-1989 (6.643 títulos traduzidos): inglês = 4 850, francês = 734, alemão = 579, espanhol = 263, italiano = 111, outras línguas = 106.
- 1990-1999 (4 317 títulos traduzidos): inglês = 3 382, francês = 337, alemão = 222, espanhol = 179, italiano = 114, outras línguas = 83.
- 2000-2011 (3.414 títulos traduzidos): inglês = 2 222, francês = 363, espanhol = 205, alemão = 196, italiano = 183, outras línguas = 245).

A literatura traduzida do inglês diminuiu 10% na última década; a literatura do italiano aumentou 3%; do espanhol aumentou 2%. A literatura francesa traduzida permanece estável, com quase a mesma porcentagem de obras literárias traduzidas em comparação com as outras décadas com um aumento de 1% em relação à década de 1990.

O recuo da literatura traduzida é de 21% na última década em relação à década anterior de 1980, o que é bastante significativo do que se traduz no Brasil nesse início de século. Há, portanto, menos intraduzções, isto é, importação de tradução, conforme expressão de Pascale Casanova.⁹ O Brasil traduz menos literatura nesse início do século 21. Aparentemente não é um fenômeno mundial. Mas valeria a pena aprofundar a análise desses dados gerais, bem como dos dados brasileiros.

CÂNONE DA LITERATURA FRANCESA TRADUZIDA NO BRASIL

Mas, por ora, meu interesse é tentar inicialmente descobrir quais gêneros são mais traduzidos nessa primeira década do século 21 na literatura francesa. De 1970 a 1999, uma análise minuciosa do *corpus* das traduções literárias do francês mostrou que a literatura infanto-juvenil e os romances policiais (dos populares *San Antonio* até os Maigret do belga Simenon) representavam a maioria das traduções.¹⁰ Jules Verne é um dos autores mais traduzidos, muitas vezes em coleções para adolescentes; *O pequeno príncipe*, de Saint-Exupéry, é o livro mais reeditado, com 40 reedições da mesma tradução de Marcos Barbosa;¹¹ e as histórias em quadrinhos, como *Tintin* ou *Astérix*, representam boa parte das traduções do francês no período. No *Index Translationum*, que apresentou recentemente estatísticas dos 50 autores mais traduzidos de todo o seu banco de dados,¹² aparecem seis escritores franceses: Jules Vernes é o 2º autor mais traduzido do mundo, com 4.567 entradas,¹³ logo após Agatha Christie, com 6.965 entradas; Alexandre Dumas

⁹ CASANOVA. *A república mundial das letras*.

¹⁰ TORRES. *Traduction de la littérature française au Brésil: état de la question*, p. 507.

¹¹ Há uma nova tradução *on-line* de Vinna Mara Fonseca disponível em: <<http://www.cirac.org/VMF-principe-pt.htm>>.

¹² Dados acessados em 13 de setembro de 2011 no site na Unesco.

¹³ Digo “entradas”, pois o *Index* contabiliza indiferentemente primeiras traduções, retraduições, reimpressões e reedições.

é o 12º autor mais traduzido, com 2.377 entradas. Simenon é o 14º colocado, com 2.278 entradas, e Goscinny (*Astérix*) o 22º autor, com 2.077, o que confirma minhas estatísticas elaboradas em 2003. Ainda Balzac tem o 32º lugar dos autores mais traduzidos do mundo, com 1.506 entradas, e Charles Perrault o 47º lugar, com 1.318 entradas.

Os clássicos são pouco traduzidos, como podemos constatar e, quando o são, os mesmos textos são reeditados ou retraduzidos. Tomo como exemplo o século 18 na França, século das Luzes, e o século pré-romântico, no qual o romance se desenvolveu e se modernizou, enquanto o teatro (incluindo a comédia e o drama burguês) começou a ocupar um lugar importante na sociedade e nos debates da época.¹⁴ É o século das mudanças, o *grand siècle*, dizia Michelet. Por exemplo, a *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert não foi traduzida em português, a não ser alguns artigos esparsos. Havia 35 volumes de textos e ilustrações publicados de 1750 a 1772, isto é, 72.000 artigos e 2.500 ilustrações. Hoje ela está inteiramente disponível *on-line*,¹⁵ em francês. Nenhuma língua-cultura traduziu por inteiro a *Encyclopédie* – só foram traduzidos alguns volumes –, apesar das tentativas de tradução completa na Inglaterra, na Itália e na Rússia¹⁶ no próprio século 18.

Conforme o dicionário eletrônico de Montesquieu da Universidade de Lyon na França,¹⁷ Montesquieu escreveu muito e em quase todos os gêneros literários, como discursos (política, história natural, física), diálogos, poesia, relatórios de viagem, romances (*Histoire véritable*, *Arsace et Isménie*, *Lysimaque*), ensaios históricos e filosóficos, artigos para a *Encyclopédie*, além de uma importante correspondência. No Brasil, só foram traduzidas duas obras: no início dos anos 1990, *As cartas persas*, e no início dos anos 1980, *O espírito das leis*. Essa última se beneficiando de várias traduções de tradutores diferentes, confirmando o que dizia há pouco, ou seja, que se traduzem, retraduzem e reeditam sempre os mesmos textos – os mesmos clássicos.

A FÁBRICA DO CÂNONE

O cânone da literatura francesa na França aparenta ser diferente do cânone perpetuado pela própria história literária francesa. Não estou me referindo aqui à história literária canonizada e “oficial”, ou seja, aquela que o próprio sistema literário e cultural francês exporta. Estou falando de obras da historiografia literária que caíram, por razões a determinar, no esquecimento.¹⁸ Uma delas é a de Daniel

¹⁴ A poesia não foi um gênero importante no século 18.

¹⁵ Disponível em: <http://www.lexilogos.com/encyclopedie_diderot_alembert.htm>.

¹⁶ KAFKER. Les traductions de l'Encyclopédie du XVIIIe siècle: quelle fut leur influence?

¹⁷ Disponível em: <<http://montesquieu.ens-lyon.fr/spip.php?rubrique5>>. Acesso em: 19 set. 2011.

¹⁸ Algumas histórias literárias que me servem de fundamento historiográfico-teórico: *Histoire littéraire des femmes françaises*, 1769, e *Dictionnaire portatif des femmes célèbres*, 1788, de Joseph La Porte (abade jesuíta, crítico literário e dramaturgo); *Notice alphabétique des femmes célèbres en France*, 1779, de Pierre-Joseph Boudier de Villemert (juriscônsul e escritor); *Collection des meilleurs ouvrages français, composés par des femmes*, 1786-88, de Louise-Félicité Guinement de Kéralio (escritora); *Dictionnaire historique, littéraire et bibliographique des françaises et des étrangères naturalisées en France*, 1804, de Marguerite Fortunée Briquet; *De l'influence des femmes sur la littérature française, comme protectrices des*

Mornet,¹⁹ renomado crítico literário francês, que, no seu artigo sobre os ensinamentos das bibliotecas particulares (privadas), analisou a frequência de aparição de cada título de livro publicado entre 1750 e 1780 nos catálogos de 500 bibliotecas francesas para saber o que os franceses liam na época e quais livros tinham maior circulação. Ele chegou à conclusão de que o grande livro do século 18 seria o *Dictionnaire historique et critique* do filósofo e escritor francês Pierre Bayle,²⁰ seguido dos 15 volumes da *Histoire Naturelle*,²¹ do naturalista e escritor francês Buffon presentes em 220 bibliotecas.²² Nem o *Dictionnaire* de Bayle nem a *Histoire naturelle* foram integralmente traduzidos em nenhuma língua-cultura, nem mesmo no Brasil.

Outro dado fundamental para redefinir o cânone da literatura francesa na França no século 18 foi apontado por Mornet após ter pesquisado nas bibliotecas francesas quais romances eram mais lidos na França até 1760. Entre os nove romances mais lidos havia dois títulos de escritoras famosas no século 18, mas que quase não aparecem na história literária francesa: *Les malheurs de l'amour*, romance-memória de Claudine de Tencin (1747) – mãe de D'Alembert – e *Lettres d'une péruvienne*, romance epistolar de Françoise de Graffigny, também de 1747. Mas essas escritoras do século 18 não fazem parte do cânone literário francês tradicional. Alguns eruditos as citam (como Mornet) bem como algumas histórias das mulheres. Como se deu esse apagamento se duas delas produziram as obras mais lidas do século 18? É uma discussão que não desenvolverei agora, mas que merece atenção minuciosa dos estudiosos do cânone da literatura na França.

Faço minha as palavras de Bourdieu quando este afirma que a autonomia e liberdade do que ele chama de *campo* e *história intelectual* tem limites definidos e obstáculos identificáveis.²³ Há os obstáculos e poderes externos como a Igreja, o Estado ou as grandes empresas econômicas e obstáculos e poderes internos, especificamente os que propiciam o controle dos instrumentos de produção e de difusão como o mundo da edição, as telecomunicações e mídias. Incorporar o cânone, nem que seja como escritor maldito (Baudelaire), depende de todo um contexto social, econômico, político, intelectual, comercial, etc. Cito, por exemplo, Maupassant, que começou a publicar a partir de 1875, entre contos, poemas e peças que não fizeram nenhum sucesso.²⁴ Após

lettres et comme auteurs ou Précis de l'histoire des femmes françaises, 1811, de Stéphanie-Félicité du Crest de Genlis (escritora e crítica literária); *Précis de l'histoire littéraire des femmes françaises*, 1853, Charles Yves (crítico literário); *Les femmes de France poètes et prosateurs*, 1886, de Paul Jacquinet (escritor); *Histoire des femmes écrivains de la France*, 1886, de Henri Carton (crítico literário); *Les femmes françaises, dévouement, héroïsme, art, littérature*, 1889, François Jemmy Bennis Desplantes & Paul Pouthier (escritores); *Anthologie des femmes écrivains, poètes et prosateurs, depuis l'origine de la langue française jusqu'à nos jours*, 1893, de Louise d'Alq (escritora); *La Corbeille de roses ou les Dames de lettres*, 1909, de Marie-François-Joseph-Jean Bonnefons (escritor); *Les Femmes auteurs*, 1911, de Hervé de Broc (crítico literário); *Histoire de la littérature féminine en France*, 1929, de Jean Larnac (crítico literário).

¹⁹ MORNET. Les enseignements des bibliothèques privées (1750-1780), p. 459.

²⁰ Inteiramente *on-line* em francês em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50432q>>.

²¹ Integralmente *on-line* em francês: <<http://www.buffon.cnrs.fr>>.

²² TORRES. Conversação nos salões literários do século 18.

²³ BOURDIEU. *Les règles de l'art, genèse et structure du champ littéraire*, p. 551.

²⁴ MAUPASSANT. *Œuvres complètes*.

um período difícil, conseguiu ganhar a estima de Flaubert – amigo da sua mãe – e, em 1880, com a publicação de *Boule de suif* (obra traduzida em português sob o título *Bola de sebo*), lhe foi aberta a porta para o cânone. De fato, Flaubert, que morreu no mesmo ano, escreveu: “essa novela é uma obra-prima que permanecerá”; e isso foi suficiente para que Maupassant se tornasse famoso e começasse a frequentar as noites parisienses. Os ingredientes da difusão e legitimação da canonicidade estavam finalmente reunidos.

Estamos diante de dois cânones diferentes que têm, no entanto, elementos comuns. Considero o cânone da literatura francesa, na França, como resultado da crítica interna que se confirma ou infirma graças à crítica estrangeira e considero o cânone da literatura francesa no Brasil como crítica externa que se confirma por si só, criando outro cânone. Se produz, por assim dizer, certa manipulação, segundo os termos de Theo Hermans,²⁵ uma manipulação não somente do próprio texto a traduzir cuja existência depende de critérios subjetivos, mas também da promoção e divulgação das obras já traduzidas. Se o cânone literário visa a identificar na história literária as “grandes” obras, as “grandes” figuras e lugares “emblemáticos”, a poética da modernidade tende a questionar os símbolos adquiridos da “grandeza” por sua “superstição do novo” e sua “paixão de negação”, como diz Antoine Compagnon em *Cinq paradoxes de la modernité*. Assim, o que é comumente considerado como pequeno e marginal está sendo recolocado no centro das atenções. Portanto, é fundamental que o crítico mude a atitude, que consiste em dizer que os nomes que a história lembrou eram prometidos à posteridade. Por essa razão, estou interessada nas obras literárias que não fazem parte da história oficial literária, mas sim de uma história literária “paralela”, pois há questões de avaliação estética que devem ser discutidas quando se fala de cânone literário.

Ademais, é por meio da tradução que a crítica estuda a evolução das literaturas nacionais modernas como troca de valores culturais e como mediação com o estrangeiro, o que permite revelar o espírito nacional e a disseminação e a circulação das idéias. De fato, avalio a tradução como crítica produtiva, segundo a expressão do Berman, porque revela toda a significância da obra.



R É S U M É

Je discute, dans cet article, la formation du canon en général, et en particulier, celui de la littérature française. J'essaie également d'expliquer comment on construit/fabrique un canon littéraire au détriment d'un canon mis en marge. Je montre, finalement, que le canon d'une littérature traduite – la littérature française – au sein d'un autre système littéraire – ne correspond pas, *a priori*, ni au canon traditionnel/officiel de la culture d'origine ni au canon rendu invisible par l'histoire littéraire d'origine, mais qui a pourtant existé dans un temps et espace déterminé.

M O T S - C L É S

Traduction littéraire, Littérature française au Brésil,
Canon et traduction

²⁵ HERMANS. *The manipulation of literature*.

REFERÊNCIAS

- BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.
- CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- COMPAGNON, Antoine. *La seconde main: ou le travail de la citation*. Paris: Éditions du Seuil, 1979.
- COMPAGNON Antoine. *Les cinq paradoxes de la modernité*. Paris: Seuil, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art, genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Éditions du Seuil, 1998.
- HERMANS, Theo. *The manipulation of literature*. London: Croom Helm, 1985.
- MAUPASSANT, Guy de. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1987. 2 v.
- MORNET, Daniel. Les enseignements des bibliothèques privées (1750-1780). *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, v. 17, p. 449-496, 1910.
- RIOUX, Annie; BROUSSEAU, Simon. Quand la littérature se souvient d'elle-même. Les masques d'une mémoire française dans *Paris ne finit jamais* d'Enrique Vila-Matas. *Temps Zero – Revue d'Étude des Ecritures Contemporaines*, n. 3, 2010. Disponível em: <<http://tempszero.contemporain.info/document508>>. Acesso em: 14 set. 2011.
- SCHLANGER, Judith. *La mémoire des œuvres*. Paris: Nathan, 1992.
- TORRES, Marie-Hélène C. Traduction de la littérature française au Brésil: état de la question. *Meta: Journal des Traducteurs / Meta: Translators' Journal*, v. 48, n. 4, p. 498-508, 2003.
- TORRES, Marie-Hélène C. Conversação nos salões literários do século 18. In: FREITAS, Luana; MONTEIRO, Julio; TORRES, Marie-Hélène (Org.). *Clássicos da tradução*. Brasília: Editora UnB, 2012. No prelo.
- KAFKER, Frank A. Lorient-Raymer Gisèle. Les traductions de l'Encyclopédie du XVIIIe siècle: quelle fut leur influence? *Recherches sur Diderot et sur l'Encyclopédie*, n. 12, p. 165-173, 1992. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rde_0769-0886_1992_num_12_1_1166>. Acesso em: 20 jun. 2012.